

A vida indígena nos traços de Yacunã Tuxá

Exposição, na Caixa Cultural, extalta a mulher como raiz profunda da terra, sustentando histórias de resistência, cuidado e reinvenção



Obra Aldeia viva para sempre

POR MARCELO PERILLIER

A ancestralidade, a memória e a força das mulheres indígenas estão no centro de Toda Árvore Tem Raiz, primeira exposição individual da artista indígena Yacunã Tuxá. A mostra reúne mais de 25 obras em diferentes linguagens e ocupa a CAIXA Cultural RJ, com visitação gratuita até 20 de setembro.

Realizada em torno do Dia Internacional dos Povos Indígenas, celebrado em 9 de agosto, a exposição apresenta trabalhos que transitam entre pintura, fotografia, poesia, muralismo, escultura, lambe-lambe, vídeo mapping e performance. Nascida no povo Tuxá de Rodelas, na Bahia, Yacunã constrói, a partir dessas diferentes linguagens, uma narrativa sobre suas origens, sua ancestralidade e as experiências das mulheres indígenas.

“A exposição tem o meu compromisso com a memória e o pertencimento. É um bonito convite para as pessoas mergulharem na minha história e se identificarem também, porque ela retrata mulheres indígenas em diferentes contextos, a força irrefreável que há nestas mulheres e no povo indígena, mas que nem sempre fica evidente”, afirma a artista.

Com curadoria de Naine Tereza e Vera Nunes, em diálogo com Yacunã, a mostra estabelece uma relação entre referências da identidade indígena e elementos dos contextos culturais não indígenas. O percurso expositivo foi concebido para proporcionar uma experiência imersiva e estimular reflexões sobre os atravessamentos vividos por corpos indígenas, seus territórios e sua espiritualidade.

Estreada em Salvador, a exposição acompanha a trajetória de Yacunã, marcada por deslocamentos forçados e resistência. A artista vem consolidando uma produção que articula ancestralidade, política e imaginação urbana. Seu trabalho já passou por instituições como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), a



Yacunã Tuxá na abertura da exposição, que foi no domingo, Dia Internacional da dos Povos Indígenas



Obra Retrato de uma mulher Xukuru



Obra Olhar da terra

Pinacoteca de São Paulo e o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab).

Nas obras reunidas na CAIXA Cultural RJ, linguagens analógicas e digitais se encontram para abordar temas como memória, identidade, urbanidade e território. A metáfora das raízes funciona como fio condutor da exposição, representando histórias individuais e coletivas e a relação entre passado, presente e pertencimento.

“É uma exposição que fala sobre experiência humana, é uma forma de as pessoas se conectarem com suas avós, com as mulheres de suas vidas, de territórios muito particulares, entender a casa como espaço de resistência, primeiro museu, onde a gente se reconhece nas histórias daqueles que vieram antes da gente. É um elo de identificação e aproximação”, diz Yacunã.

Entre os elementos simbólicos presentes na mostra estão o rio, a canoa e a Jurema, planta sagrada que atravessa o conjunto de obras como um eixo espiritual e político. Nesse universo, o feminino indígena aparece como elemento estruturante, associado às raízes profundas da terra e às histórias de resistência, cuidado e reinvenção.

Para a artista, a diversidade de técnicas e formatos também é uma forma de evidenciar a multiplicidade das experiências indígenas.

“É impossível sintetizar a pluralidade subjetiva das existências indígenas”, destaca Yacunã Tuxá. “Entre aldeia e cidade, com as mãos moldando o barro ou segurando uma filmadora, a presença dessas mulheres, ao longo da história, articulou e articula resistências variadas, algumas até invisíveis, mas todas potencialmente criativas e transformadoras”, afirma.

Ao reunir diferentes linguagens e perspectivas, Toda Árvore Tem Raiz propõe um mergulho nas relações entre memória, território e identidade. A exposição transforma a trajetória da artista e as histórias das mulheres de sua ancestralidade em ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre pertencimento e resistência.